Ano XI — Lisboa, Fevereiro de 1955 — N.º 118

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO

O objectivo do Escotismo



Baden-Powell, ao indicar a finalidade do seu método educativo, disse simplesmente: «O Escotismo consiste em encontrar no rapaz os cinco por cento de bom que ele, na pior das hipóteses, possui, e em desenvolvê-los». Esta definição, como tantas outras do Fundador, é clara e exacta; dela se pode extrair o axioma de que o escotismo é uma aventura em que o rapaz é protagonista.

Todavia, devemos concordar que o dirigente escotista, na azáfama da sua missão, esquece, muitas vezes, este princípio irrecusável, colocando os seus próprios interesses e predilecções acima do objectivo do trabalho a que se dedicou, chegando até a tentar-se pela exibição dos seus dotes de chefia, tantas vezes imaginários. No entanto, torna-se necessário que cada um dos que têm sobre si a responsabilidade de um grupo de escoteiros, cuide, com todo o desvelo, das suas atitudes durante o exercício das funções directivas. O afastamento dos cânones escotistas só é tolerável episòdicamente; a reincidência no mesmo pecado



Prometo por minha honra...

será transgressão indesculpável que trará, como consequência imediata, a deturpação e a ineficácia. Ninguém pode servir a dois senhores. Se cuidamos das nossas preferências, estaremos a actuar, com certeza, em detrimento das dos adolescentes.

Avisado contra estes desvios, o chefe deve ter sempre em mente a satisfação cabal da finalidade escotista, esforçando-se por que o rapaz se deixe aliciar, de alma e coração, pelo programa do Movimento. Como é que se consegue insuflar no rapaz um entusiasmo declarado pelo escotismo? A resposta tem sido dada, ao longo destes dez anos de publicação, nas colunas do «Sempre Pronto», atento às observações de chefes experimentados e estudiosos. Nas suas linhas gerais, pode dizer-se que o rapaz sentirá atracção pelo escotismo, desde que este lhe ofereça elementos capazes de lhe mitigarem a sede de aventura e de ideal que lhe são inerentes, e o êxito do chefe na aplicação do método será maior ou menor, consoante o engenho de que dispuser.

(*Conclui na 2.ª página*)

O X aniversário do «Sempre Pronto»

Muitos amigos e assinantes continuam a enviar-nos cumprimentos e felicitações pelo nosso aniversário. A todos agradecemos reconhecidos.

A FLOR DE LIS

A revista *A Flor de Lis*, nosso colega da Imprensa escoteira, teve a gentileza de se referir à sessão comemorativa do nosso aniversário e de nos endereçar as suas felicitações, que sinceramente agradecemos.

ECOS DE BELÉM

Também este semanário nos saudou pelo nosso aniversário, o que registamos com o nosso melhor agradecimento.

CORREIO DA MANHÃ — BRASIL

Este prestigioso diário do Rio de Janeiro, no seu número de 5 de Janeiro, publica na sua secção VIDA ESCUTEIRA uma desenvolvida referência ao 10.º aniversário do nosso jornal e aos respectivos actos comemorativos. Agradecemos.

Toda a Imprensa diária portuguesa se referiu aos actos comemorativos do nosso 10.º aniversário. Endereçamos por isso os nossos agradecimentos às redacções dos seguintes diários: O Comércio do Porto, Diário de Lisboa, Diário da Manhã, Diário de Notícias, Diário Popular, Jornal do Comércio, Jornal de Notícias, Novidades e sua Secção Escotista, Primeiro de Janeiro, República, O Século e Voz.

PRESENTE!

Decorrendo hoje o Décimo Aniversário do «Sempre Pronto», é-me grato recordar o louvável empreendimento que em tão boa hora foi idealizado e levado a efeito por um pequeno número de Escoteiros (mas de Escoteiros com «E» maiúsculo), e que contribuiu decisivamente para estreitar os laços fraternais existentes entre os diferentes grupos de Escoteiros de Portugal, dando-nos a conhecer as suas actividades e os seus anseios.

Por meio de belos artigos doutrinários, esplêndidas reportagens, oportunas entrevistas e pormenorizados noticiários, (além de novelas, folhetins e habituais secções técnicas, culturais e outras), o «Sempre Pronto», através duma década de útil e meritória existência, muito tem contribuído para inspirar a prática das actividades que caracterizam o Escotismo e fazer ressurgir o verdadeiro Espírito Escotista, sem o qual nenhuma unidade do nosso movimento pode ter existência profícua.

Assim, o «Sempre Pronto» poderá com justiça considerar-se um dos maiores obreiros da ressurreição do Escotismo entre nós, nos últimos tempos,

E' evidente, pelo que fica exposto, que o nosso jornal tem conquistado a simpatia e consideração de quantos ao Escotismo se dedicam de alma e coração, e deve ser grato aos seus dirigentes verifi-

(*Conclui na 4.ª página*)

O objectivo do Escotismo

(Conclusão da 1.ª página)

Logo que o rapaz ingresse numa unidade escotista, imediatamente deve incidir sobre ele a acção dos dirigentes do grupo, a fim de que possa entrar em contacto com o ideal escotista, em toda a sua pureza e poesia, em toda a sua força como uma nova e melhor interpretação da vida. O escotismo, para o aspirante, tem de tomar foros de moderna cavalaria, porque servir é o primeiro dever do escoteiro. Como os antigos cavaleiros, a preparação do aspirante para receber, digamos, o grau de escoteiro, deve ser cuidadosa e aprimorada.

Conhecem-se os exercícios meticulosos a que, na Antiguidade, eram submetidos os adolescentes destinados à carreira das armas. Desde muito cedo, eram instruídos em todos os segredos da arte de guerra, incutia-se-lhes no espírito sentimentos altruístas ao mesmo tempo que se adestravam fìsicamente, de forma que, quando chegassem à maioridade, estivessem aptos, moral, espiritual e corporalmente, a receber a investidura de cavaleiros. Era, por assim dizer, uma educação total, com um fito único e preciso.

Uma das maneiras por que poderemos contribuir mais efectivamente para a subversão do escotismo, será a de fardar escoteiros a esmo, ou seja, fazer escotismo de fachada. Esses rapazes, indiferentes ao escotismo, ignorantes dos deveres e procedimentos que ele lhes impõe, tornar-se-ão os propagandistas mais eficientes do descrédito do nosso Movimento.

Este asserto mostra à puridade que as decisões do escoteiro-chefe necessitam de ser prudentes e meditadas. O grupo deve merecer-lhe os mais estrénuos cuidados, como se fora um alegrete onde crescessem os mais delicados espécimes vegetais. Tendo sempre em atenção as regras delineadas por B.-P., dará ao aspirante a formação adequada, industriando-o nos segredos do «grande jogo» e procurando identificá-lo com a doutrina e os princípios do escotismo genuíno. Esta grande metamorfose é operada no rapaz, sem lhe contrariar a vocação e sem lhe coarctar a iniciativa pessoal, mas orientando-as e aperfeiçoando-as de forma que possam conduzi-lo ao ideal do escoteiro, ou seja o ideal de SERVIR, mas servir conscientemente, sem a sujeição aos sentimentos baixos dos instintos humanos.

Quando vier o momento em que o rapaz pressente um conceito de vida superior, quando sentir nascer no seu coração as elevadas aspirações que colocam a Deus e ao semelhante como os objectivos da sua acção e interesse, eis chegada a hora em que se está, finalmente, pronto a tomar o grau de escoteiro. O compromisso de honra e a lei não serão já meros conjuntos de palavras, vazias de sentido, nem a investidura como escoteiro uma cerimónia corriqueira, mais ou menos interessante. Tornar-se-ão, sim, em elementos activos de correcção de atitudes e de inspiração para a vida.

São estes os rapazes que devem encher as sedes e povoar os acampamentos escotistas, rapazes que, com dignidade, empunharão o facho do ideal e partirão em busca de «saúde, felicidade, habilidade e desprendimento».

Estão, pois, fixados, dois pontos de essencial importância em escotismo: o rapaz como objectivo fundamental do escotismo; a promessa como sequência natural de uma preparação lenta e aprimorada dentro das boas normas escotistas.

Ao dirigente deparar-se-á, certamente, muitas dificuldades e problemas. No entanto, se ele souber atentar nos pequenos pormenores que o método lhe oferece, os quais podem, contudo, contribuir para o saneamento espiritual do rapaz, terá dado um passo decisivo para levar a bom fim a sua tarefa. Acima de tudo, deve aperceber-se do significado e do valor da promessa escotista, o motor do ideal do nosso movimento, porque sem ideal o escotismo transformar-se-á numa organização incaracterística e sem cor e, nestas condições, todas as actividades, ainda que se harmonizem ao máximo com a boa técnica escotista, serão nulas no aspecto educativo, a finalidade essencial do nosso Movimento.

JOEL RIBEIRO

ACABA DE SAIR

Desporto, Cinema e Educação

pelo Prof. António Álvaro Dória

Uma separata do «Sempre Pronto», que deve figurar em todas as estantes. Boa apresentação gráfica.

Que influência terá o Cinema e o Desporto na educação da juventude?

Esta obra responde com muita clareza a esta pergunta, analisando demoradamente um dos grandes problemas da nossa época.

Preço: Esc. 7$00

À venda nas principais Livrarias

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto».

DOS AÇORES

Grupo n.º 52—Angra do Heroísmo

BOA ACÇÃO COLECTIVA DO NATAL

Em 1952, os escoteiros do 52 tomaram a iniciativa de promover a sua Boa Acção do Natal, visando crianças pobres. As ofertas consistiam em material para vestidos, bibes, aventais, calções ou roupa interior e cada oferta era acompanhada dum brinquedo e de um pacote com figos e guloseimas. No primeiro ano contemplaram-se 24 crianças e em 1953 o número quase duplicou, tudo feito a expensas dos próprios escoteiros do Grupo, a maioria de condição modesta.

No corrente ano, a costumada Boa Acção tomou maior relevo, com a cooperação espontânea dos escoteiros americanos da A.A.T.S. (Lajes), com quem o Grupo 52 de há muito mantém amistosas relações.

Além daquilo que os Escoteiros de Portugal tinham arranjado, os rapazes americanos conseguiram juntar algumas roupas e uma porção de brinquedos usados, que foram entregues ao Grupo 52, onde os respectivos escoteiros repararam os brinquedos, ao passo que as roupas usadas foram consertadas pela esposa e filha do Chefe do 52.

A Direcção do Grupo americano conseguiu ainda angariar volumes, contendo artigos de mercearia suficientes para uma refeição completa, incluindo laranjas, frutas secas e bombons.

A distribuição, no Domingo 19 de Dezembro, foi feita em conjunto por seis Escoteiros de Portugal (Ludgero Moreira, Heitor Silva, Juvenal Costa, Felisberto Martins, Abel Sousa e Mário Martins) e dois escoteiros americanos (Dick Quattlebaum e George Youngblood), sob a direcção do Chefe sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva com a cooperação dos seguintes dirigentes do Grupo americano: Lt. Commander Quattlebaum, Lt. Colonel Spooner, Lt. Colonel Dillenbeck e Master Sergeant E. S. Browne.

Foi abrangida uma área compreendida entre S. Bento e S. Pedro e foram feitas ofertas a umas 70 crianças, distribuídas por cerca de 50 casas, sendo, além disso, contempladas ao todo, umas 100 famílias necessitadas, com um volume contendo artigos para uma refeição completa.

A Boa Acção Colectiva do Natal de 1954, feita em conjunto pelos Escoteiros de Portugal (Grupo 52 de Angra do Heroísmo) e pelos escoteiros americanos (Grupo n.º 1 da «Boy Scouts of America» nas Lajes — Terceira), além do seu significado próprio de cooperação escotista, constituiu uma evidente demonstração de solidariedade Luso-Americana. — C.

• • o • •

22 de Fevereiro

DIA DO PENSAMENTO

O aniversário do nascimento de Baden-Powell é comemorado em todo o mundo escotista como o Dia do Pensamento, realizando-se no Domingo mais próximo desta data cerimónias religiosas nas diferentes igrejas.

A 1.ª Companhia de Guias de Portugal, Grupo «Rainha D. Leonor», promove também um serviço religioso evangélico de acção de graças integrado nestas comemorações. Mas como o Domingo mais próximo desta data, por ser dia de Entrudo, não era apropriado para que os Escoteiros e Guias se apresentassem uniformizados na rua, este acto de culto será realizado no Domingo, dia 27, às 17 1/2 horas, na Missão Presbiteriana de Algés, na Avenida D. Vasco da Gama.

O Grupo «Rainha D. Leonor» enviou convites a todos os grupos evangélicos de Escoteiros de Portugal para que se associem a este culto, convidando para o mesmo todos os escoteiros evangélicos pertencentes a outras unidades.

A visita a Portugal dos Escoteiros Espanhóis

A chegada a Lisboa de D. Enrique Genovés

No sábado, dia 1 de Janeiro, às 15 horas, chegou à estação do Rossio o sr. Enrique Genovés, que se fazia acompanhar de sua esposa e filho, e ainda pelo seu sogro sr. José Luís de Azpeitia. O nosso convidado era ali aguardado pelos srs. Albano da Silva, chefe geral adjunto; Vítor Lima e Santos, comissário internacional do C. N. E., Armando Lino, António Rodrigues, Manuel Tacão Monteiro, Joel Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo e esposa, Eduardo Ribeiro, esposa e filho.

Os restantes membros da deputação espanhola chegaram a Lisboa no domingo, de automóvel, tendo-se dirigido logo ao local do almoço de confraternização, conforme referimos na respectiva notícia.

Reunião com os Caminheiros do C. N. E.

No dia 2, à noite, na sede do Grupo 100, em S. Paulo, efectuou-se uma reunião com os Caminheiros do C. N. E., a que presidiu o sr. Lima Santos, Comissário Internacional, ladeado pelos srs. Enrique Genovés, Rev. Padre Santana, Francisco de Oliveira, Eng.º João Cabral e o director do nosso jornal. Estavam presentes, além de muitos Caminheiros, os nossos visitantes srs. José Forasté e esposa, e Roberto Moro, bem como os chefes Manuel Tacão Monteiro e Capitolino Ferreira Macedo, do «Sempre Pronto».

O sr. Lima Santos fez a apresentação dos nossos visitantes, particularmente de Genovés, e felicitou o nosso jornal pelo aniversário que estava comemorando, dando depois a palavra àquele nosso visitante, especialmente convidado para falar aos Caminheiros. Depois de falarem diversos oradores, trocaram-se impressões sobre Caminheirismo, tendo sido feitas muitas perguntas a Enrique Genovés, a que ele respondeu com prontidão, clareza e perfeito conhecimento da Divisão.

Reunião dos Dirigentes e Caminheiros da A. E. P.

Na terça-feira, à noite, o sr. Enrique Genovés foi recebido na sede da A. E. P.. Estavam presentes os srs. Tenente Diogo Afonso, secretário geral; Manuel Peixoto, comissário internacional; Albano da Silva e Tovar de Lemos, adjuntos da chefia geral, bem como chefes de grupo e Caminheiros, embora em número reduzido. Notável a comparência dos srs. João Pereira Soares e Miguel Raposo Bicho que vieram propositadamente de Sintra. Estava também presente o chefe Miguel Paraíso, da «Flor de Lis».

A reunião decorreu num ambiente de camaradagem, tendo sido feitas muitas perguntas sobre assuntos escoteiros a Enrique Genovés, que respondeu com a habitual clareza, proporcionando uma troca de impressões que nos pareceu muito importante. Trocas de impressões desta natureza, em mesa redonda, seria uma forma de estabelecer normas de orientação para a vida dos grupos.

Recepção na Secção de Campismo do Ateneu

Após a sessão solene efectuada na sala nobre do Ateneu, os nossos visitantes espanhóis foram recebidos pela Secção de Campismo daquela prestigiosa colectividade, tendo sido também convidados para a recepção os membros do nosso jornal e pessoas de família.

O presidente da Secção, sr. César Augusto Ferreira, saudou os visitantes e entregou ao nosso delegado Enrique Genovés o emblema da sua Secção. Em nome dos espanhóis falou Genovés que agradeceu e convidou os campistas do Ateneu para tomarem parte no grande Acampamento Internacional Campista que se efectuará em Espanha no próximo ano e de que ele será o chefe.

Aos presentes foi servido um Porto de honra.

O Grupo de Guias «Rainha D. Leonor» recebeu a visita de D. Loreto de Genovés

Na terça-feira, dia 4 de Janeiro, D. Loreto Azpeitia de Genovés, que foi até há pouco tempo Secretária das Guias de Espanha, visitou aquele Grupo de Guias. Foi-lhe oferecido um chá no qual participaram, além das guias, algumas mães e o sr. dr. Manuel Conceição Jr..

As guias apresentaram canções, monólogos e uma dança regional. Foi uma festa simpática, que deixou a melhor recordação na nossa visitante.

Excursões

Os escoteiros portugueses não desmentiram a sua tradicional hospitalidade. Nos curtos dias da sua estadia em Lisboa os nossos hóspedes puderam visitar o Jardim Zoológico e o Palácio Nacional de Queluz, no que foram acompanhados pelo nosso amigo sr. Eduardo Quintino Pinheiro.

Na quarta-feira o Chefe-Geral Adjunto sr. Albano da Silva proporcionou à família Genovés um óptimo passeio, levando-os à Ponte de Vila Franca, onde almoçaram, ao Aeroporto, Lisboa Nova, Parque Florestal, Estádio Nacional, Estoril, Cascais e Boca do Inferno. Tanto o nosso amigo Genovés como sua esposa ficaram encantados e reconhecidos por tão boas visitas.

Almoço de despedida

Na quinta-feira, dia 6, todos aqueles que mais de perto colaboraram na recepção ao nosso representante em Madrid, se reuniram na Pastelaria Imperial para tomarem parte num almoço de despedida. Estavam presentes os nossos amigos Albano da Silva e esposa, Armando Lino, Joel Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo e esposa, Eduardo Ribeiro e esposa, família Genovés e o sr. Azpeitia. O almoço decorreu num ambiente de amizade, manifestando os nossos hóspedes sentimentos de quem sabe interpretar o significado da palavra saudade. Findo o almoço, dirigiram-se todos à estação do Rossio.

A partida

Ali compareceram também a sr.ª D. Virtudes Lino, esposa do Chefe Armando Lino, e os representantes do C. N. E. srs. Lima Santos, Eng.º D. Paulo de Lencastre e dr. Sousa Dias. Os nossos visitantes tiveram uma despedida muito carinhosa e manifestaram o seu reconhecimento pelo acolhimento fraternal que lhes foi dispensado.

Breves entrevistas

No momento da partida, o «Sempre Pronto» quis arquivar as impressões dos nossos visitantes, pelo que lhes fez algumas rápidas perguntas. A Genovés lançámos-lhe esta:

— Podes dar-nos, Enrique, impressões da tua curta visita a Lisboa?

Surpreendido, por uma entrevista inesperada, Genovés responde:

— Mui difícil responder. Impressões magníficas de todas as coisas.

— O que foi que mais te impressionou em Lisboa?

Genovés, a quem não são alheios os assuntos de construção, responde prontamente:

— O que mais me impressionou em Lisboa foi o conceito de futuro que se observa na nova urbanização da cidade.

— Qual foi o acto mais interessante em que tomaste parte?

— De carácter individual foi a sessão solene no Ateneu. E, no plano particular de Escotismo, a reunião com os caminheiros do C. N. E.

Fizemos ainda outra pergunta:

— Depois deste contacto com o Escotismo Português que conceito fizeste quanto às nossas possibilidades?

— A minha impressão é que Portugal é uma terra virgem ainda para o Escotismo. Por conseguinte, tudo é futuro. Futuro que pode converter-se numa feliz realidade se os dirigentes escotistas se propuserem trabalhar pelo único caminho que tem o Escotismo ou seja a actividade.

— Quando pensas voltar a Portugal?

— Por nosso desejo amanhã mesmo. Talvez no Verão, se se conseguirem resolver problemas, com vista a um convite que recebi para um acampamento de caminheiros do C. N. E..

Fizemos votos para que essa viagem se realizasse e que se conseguissem alguns momentos também para os Escoteiros de Portugal. Genovés retorquiu imediatamente, dizendo:

— Quanto à viagem, de acordo; mas, se ela se realizar, certamente que terei muito prazer em estar com os Escoteiros de Portugal.

Agradecemos, mas Enrique Genovés exige que escrevamos:

«Podes fazer constar a minha grande gratidão pela hospitalidade encontrada entre os escoteiros portugueses que supera em muito o que realmente cabe esperar, inclusivamente da nossa fraternidade.

E concluímos afirmando que não tínhamos ultrapassado o nosso dever, procurando apenas corresponder à sua simpatia. E corremos a D. Loreto que estava ocupada nas despedidas, muito triste e comovida pela partida.

— Diga-nos, D. Loreto — inquirimos — que pensa da sua viagem?

— Que é tudo maravilhoso. Queria chegar a Madrid e voltar. Queria mesmo não partir nunca, ficar aqui convosco. Gostei muito de Lisboa e de tudo, mas ainda mais dos amigos.

D. Loreto fazia as suas declarações verdadeiramente emocionada, afirmando sentidamente:

— Os meus amigos não ficam em Lisboa, partem comigo no meu coração.

Fizemos nova pergunta:

— De que mais gostou em Lisboa?

A nossa entrevistada responde imediatamente:

—«Já disse: dos Amigos».

Como insistíssemos, acrescentou, então:

«Bom, a Boca do Inferno (e a sorrir): o «Galo da Ajuda», Vila Franca de Xira (e termina): tudo, tudo...

Não quisemos fazer mais perguntas. D. Loreto estava bastante triste por partir e as nossas perguntas podiam tornar-se torturantes. Terminámos com um «muchas grácias». Contudo, o comboio estava quase a partir, e D. Loreto ainda segredava:

«Se pudesse ficava aqui. Não me importava de vir viver para Lisboa.

(Conclui na 4.ª página)

UMA GRANDE OPORTUNIDADE
EXCURSÃO A PARIS

A sugestão de um nosso leitor para que o «Sempre Pronto» promovesse e organizasse uma excursão a Paris, vai ser transformada numa interessante realidade, proporcionando uma magnífica oportunidade para visitar a formosa «cidade da luz», os seus maravilhosos monumentos e museus preciosos.

A excursão será realizada em Setembro com o alto patrocínio do Delegado do Turismo Francês em Portugal, sr. Jacques Grasset, e com a cooperação «Office du Torisme Universitaire», o que nos permite realizá-la em condições excepcionalmente vantajosas.

Será utilizado um dos mais modernos e confortáveis autocarros, sendo a viagem de ida por Coimbra, Guarda, Salamanca, Valadolide, Burgos, S. Sebastião, Hendaia, Baiona, Bordéus e Paris. O regresso por Fontainebleau, Lião, Avinhão, Montpellier, Barcelona, Madrid, Badajoz e Lisboa.

A estadia será de oito dias em Paris. O seu custo será apenas de **Esc. 2.000$00**, preço este que inclui:

Viagem de ida e volta,
Alojamento em Paris em quarto de duas ou três camas,
Almoço num restaurante em Versalhes,
Refeições em Paris na Casa dos Alunos da Escola Central,
Excursão a Versailhes em autocarro,
Ascensão à Torre Eiffel,
Passeio de barco no Sena,
Espectáculo na Comédia Francesa,
Entrada em Museus,
Uma visita a Paris de autocarro.

Os excursionistas serão acompanhados por um estudante-guia, que gentilmente nos acompanhará, falando português ou espanhol.

O alojamento e as refeições em viagem serão de conta dos excursionistas, mas procuraremos obter condições vantajosas em todos os pontos de paragem.

Está em estudo a forma de regularizar o passaporte, esperando-se obter facilidades de visto, mas este será de conta do excursionista.

A inscrição está desde já aberta e o pagamento será feito em prestações mensais de Esc. 300$00, a partir do fim de Fevereiro corrente. A inscrição será encerrada logo que esteja completa a lotação do autocarro, havendo já um número razoável de pessoas interessadas.

A inscrição é reservada a Escoteiros e antigos Escoteiros e pessoas de suas famílias, não sendo admitido ninguém estranho ao nosso jornal.

Trata-se, pois, de uma oportunidade magnífica para conhecer Paris, a cidade que tantos sonham visitar, o que pode agora ser feito em condições interessantes, graças à recepção e acolhimento que, gentilmente, nos será feito pela Repartição do Turismo Universitário.

O 98.º Aniversário do Nascimento de Baden-Powell

MENSAGEM DO GENERAL D. C. SPRY, Director da REPARTIÇÃO INTERNACIONAL DE ESCOTISMO

«Num grande movimento visando um grande objectivo não há lugar para pequenos esforços pessoais; teremos de pôr de parte ideias secundárias e darmos as mãos numa grande união para nos ocuparmos efectivamente do todo.»

LORDE BADEN-POWELL
Maio 1910

Isto poderia bem ter sido dito em 1955, se B.-P. fosse hoje vivo. O Movimento Escotista é, actualmente, muito numeroso, ao redor de seis milhões de homens e rapazes. Isto é grande sob qualquer ponto de vista.

Portanto, é cada vez mais necessário que as decisões regulamentares sejam tomadas numa larga base de opinião, depois de cuidadosa consideração, e com o devido pensamento no maior bem para o maior número. Por parte dos dirigentes nacionais e internacionais isto requer uma disposição para «pôr de parte ideias secundárias e dar as mãos numa grande união».

Há até muito mais por fazer. Há ainda milhares de rapazes a quem dar as alegrias do Escotismo. Há ainda milhares de Chefes e de Patrocinadores a ser trazidos para as nossas fileiras. Há ainda milhares, milhões mesmo, de horas de meditação, esforço e entusiasmo desinteressado a ser dedicado a um dos maiores Movimentos do nosso tempo.

Neste aniversário do nascimento de B.-P. juntemo-nos todos e agradeçamos não só o Movimento fundado por B.-P. para nós, mas também a oportunidade que nos é dada de servir nas suas fileiras.

(a) D. C. SPRY (DIRECTOR)

A visita a Portugal dos Escoteiros Espanhóis

(Conclusão da 3.ª página)

Ouvimos também o sr. José Luís de Azpeitia. Oficial reformado da Aviação Militar, o sr. Azpeitia é um verdadeiro tipo espanhol, cavalheiresco e alegre. Mostrou sempre a sua satisfação por se encontrar entre portugueses e gostava de entrar em contacto e conversar com amigos. Quando lhe perguntámos o que pensava da sua viagem, respondeu imediatamente: — Vou encantado. Não de partir, mas do vosso país. Queria ficar, mas peço a Deus, Todo Poderoso, para que me ajude a voltar. Espero voltar. A minha gratidão vai para todos que me saudaram, gratidão de espanhol aragonês, aqueles que têm fama de dizer sempre sinceramente o que pensam. Vou muito grato por toda a vossa hospitalidade e satisfeito por ter conhecido tão bons amigos».

Desejámos-lhe boa viagem e um abraço disse tudo o mais que sentíamos

Entretanto, o comboio ia partir e, para que a despedida fosse ainda mais rápida, a carruagem estava bem perto do túnel. Juanito encostou a cabecita à janela, e ele, que era o único que queria voltar à sua Madrid, estava agora também triste, sentindo a partida, apesar dos seus graciosos 4 anos, feitos no passado dia 4 entre portugueses. Levantou os deditos e fez a saudação do lobito. O apito da locomotiva soou, o comboio pos-se em marcha, e mal houve tempo de dizer adeus. Genovés e a sua família partia deixando em Portugal mais amizades ainda de que já possuía.

José Forasté e sua Esposa, bem como Roberto Moro, tinham já partido na madrugada de quarta-feira, de automóvel, satisfeitos também pelos curtos dias em Lisboa e prometendo voltar.

O X aniversário do «Sempre Pronto»

(Conclusão da 1.ª página)

car que tão meritória acção vem reunindo à sua volta um certo número de cooperadores que são prova incontestável do seu valor, e deixam antever uma progressiva continuidade da sua acção doutrinária.

Para mim, que bastante aproveitei com o inspirado estímulo que me foi transmitido pelo «Sempre Pronto», em horas difíceis para o Grupo que presentemente chefio, e que desde os primeiros momentos tenho procurado acarinhar e, a dentro das minhas modestas possibilidades, colaborar na grandiosa tarefa a que se propôs o «nosso» jornal; é-me grato endereçar-lhe, neste dia de regozijo para todos e em especial para os seus intemeratos dirigentes, os meus sinceros parabéns por tudo quanto foi conseguido nestes dez anos de intenso labor, no sentido de prestigiar o Movimento Escotista em Portugal, e afirmar que continuo «Presente» e «Sempre Pronto», como nas primeiras horas, para colaborar no prosseguimento de tão louvável jornada em prol da Juventude de Portugal!

Angra do Heroísmo, 1 de Janeiro, de 1955.

JACINTO DOS REIS MONIZ SILVA
Agente Correspondente de «Sempre Pronto»

N. da R. — As palavras do nosso dedicadíssimo representante em Angra do Heroísmo, ditadas pelo seu elevado espírito de amizade e simpatia, sensibilizam-nos. Devemos, porém, afirmar com a maior sinceridade, que uma boa parte do êxito do «Sempre Pronto» é devido à sua cooperação. Moniz Silva é o melhor Agente de «Sempre Pronto» num grupo de bons e dedicados Agentes com que temos a alegria de contar.

Prestando homenagem à dedicação de Moniz Silva, englobamos nela todos os que de Norte a Sul de Portugal, nas Ilhas, no Ultramar e no Estrangeiro nos honram com a sua desvelada cooperação e desinteressado trabalho.

A VIDA DO ELEFANTE MARINHO

POR ALBERTO IDEIAS

Os pinípedes são uma casta de carnívoros marinhos, que receberam esse nome devido à forma especial dos seus membros e cujo modo de vida é o intermediário entre os mamíferos terrestres e as *baleias*, exclusivamente aquáticas. Como todos os componentes desta classe, respiram o ar atmosférico, pelo que têm de vir à superfície da água inspirá-lo, e alimentam-se do leite materno durante a infância.

Nesta ordem zoológica estão englobadas as *otárias* ou *focas com orelhas*, as *morsas* e as *focas* pròpriamente ditas.

As *otárias* contam com várias espécies, desde a *da Califórnia* (*Zalophus californianus*), que é a «artista de circo» tão nossa conhecida, ao *leão marinho* (*Otaria jubata*), isto, passando por muitos outros membros da mesma família.

Das *morsas*, animais bem caracterizados pelas duas grandes presas que descem verticalmente da boca dos machos, convém destacar a *comum* (*Odobaenus rosmarus*) e a *do Pacífico* (*Odobaenus divergens*).

A terceira Família é a das *focas verdadeiras*, que reúne vários tipos, tais como a *foca comum* (*Phoca vitulina*), a *Gronelândia* (*Phoca gronelândica*), a *barbuda* (*Phoca barbata*), a *das Antilhas* (*Monachus tropicalis*), a *de Weddel* (*Leptonyx weddeli*) e, finalmente, os *elefantes marinhos*, que são os maiores indivíduos de toda a série pinípede.

Entre estes últimos distinguimos duas formas: o *elefante marinho do norte* (*Mirounga angustirostris*), confinado à região de Guadalupe, e o *do sul* (*Mirounga leonina*), que se encontrava na Terra do Fogo e ilhas de Juan Fernandez, Geórgia do Sul, Falkland, Tristão da Cunha e Kerguelen, mas que actualmente quase desapareceu de todas estas regiões.

É acerca dos hábitos e vida da espécie austral que vamos tratar no presente artigo.

Este *elefante marinho* é um animal polar, se atendermos que o seu «habitat» está circunscrito ao hemisfério meridional, entre os 40° e 60° de latitude.

As *focas* em geral e com elas o *elefante-do-mar*, são dos bichos que mais tenazmente têm sido perseguidos pelo homem, em razão de tudo neles ter proveito: a carne é excelente e nutritiva, para mais em regiões escassas de suprimentos alimentares; a espessa camada de gordura que os envolve, e que tem um papel isolador, é um bom combustível, de multíplices aplicações; a pele, devido à sua consistência, maleabilidade e impermeabilidade, transforma-se em inúmeros artefactos, como vestuário, calçado, pequenos barcos, etc.

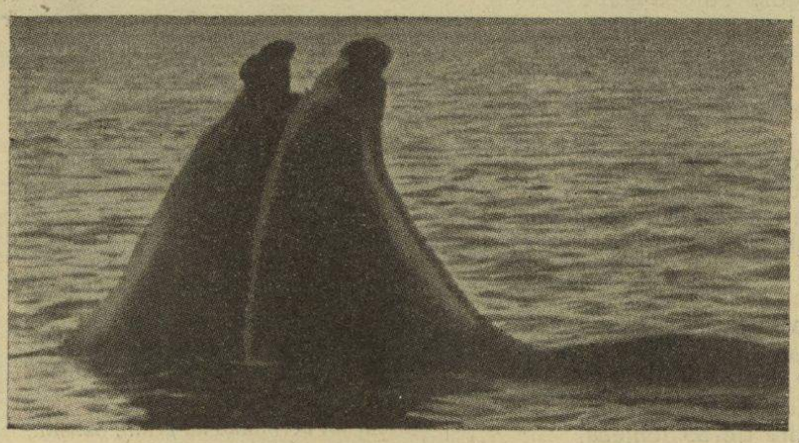
Não admira, pois, apesar das leis proteccionais que ora vigoram em defesa da espécie, que o quantitativo dos animais em questão venha definhando, para mais sendo bichos lerdos, pesadões e estúpidos. E tão broncos são que não temem o seu pior inimigo, o homem, por quem se deixam impiedosamente chacinar, sem protesto, sem uma luta.

A sua pouca inteligência aliada à lentidão e aos poucos meios de defesa de que dispõem, faz dos *elefantes marinhos* presas fáceis, lucrativas, em que os caçadores nada perigam ou arriscam. Daí, a sua quase completa extinção.

Um dia virá, portanto, em que sacrificados pela glutonice mercantil de matadores mercenários, o maior de todos os focáceos e um dos mais curiosos mamíferos de todos os tempos, não seja mais do que uma reminiscência do passado longínquo. A ganância e a ambição — diz-nos a história — fizeram morrer muitos homens, perder numerosos povos e arruinar velhas civilizações. Essa espécie, já hoje rara, acabará também por desaparecer.



Este «bebé» com umas semanas de idade, aguarda pacientemente a vinda de sua mãe e com ela uma nova mamadura



Aspecto da luta entre dois machos que, dentro de água, procuram morder-se com os caninos inferiores

A MUDA E OS AMORES

Basta examinarmos de leve a fotografia de um *elefante-do-mar* para constatarmos que, apesar de anfíbio, toda a sua morfologia externa está adaptada ao elemento líquido, muito embora passe grande parte da vida em terra. Se olharmos, ainda, para os membros posteriores, veremos que estão reduzidos a simples barbatanas, imprestáveis quando no solo firme, andando o animal de rojo, com apoio dos membros dianteiros, ajudado por sacudidelas sucessivas, de maneira a fazer progredir, aos solavancos, uma mole de carne que pode alcançar 6 metros de comprimento e duas toneladas de peso. Assim, não é de estranhar o seu caminhar moroso.

As duas grandes provações na vida destas corpulentas *focas* são a muda e a reprodução — duas fases absolutamente distintas e até de sentimentos antagónicos na sua existência.

A muda é a troca de pelagem, que se efectua anualmente e em que os animais são

(Continua na 6.ª página)

A VIDA DO ELEFANTE MARINHO

(Continuação da 5.ª página)

obrigados a permanecer em terra durante uns 75 dias. A primeira muda dá-se três semanas depois de virem a este mundo e as sequentes realizam-se dois meses depois da procriação, quando volvem do mar já de forças revigoradas.

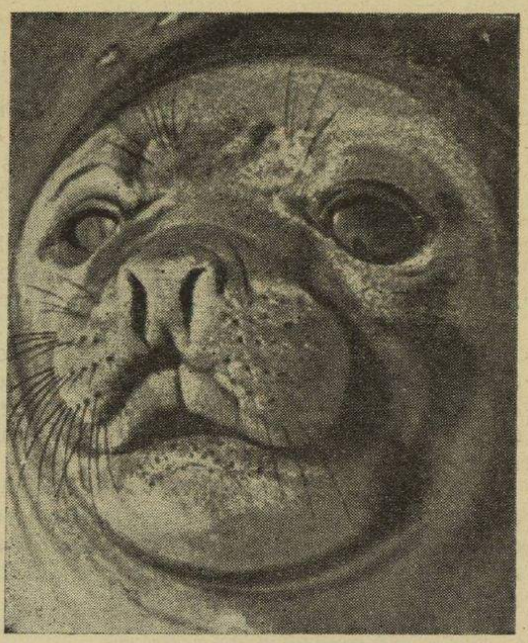
Durante este período não há combates nem acasalamentos. Os sexos apartam-se, vivendo em turmas diferentes, grupos de machos e grupos de fêmeas, sem misturas ou desejos que não sejam a permuta da sua vestimenta. Passadas dez semanas neste sossegado transe, regressam ao largo ataviados dum novo pelo cinzento-castanho.

Ora durante a quadra sexual nada disto acontece e o pacifismo da muda dá lugar a um extremoso zelo masculino e a consequente agressividade.

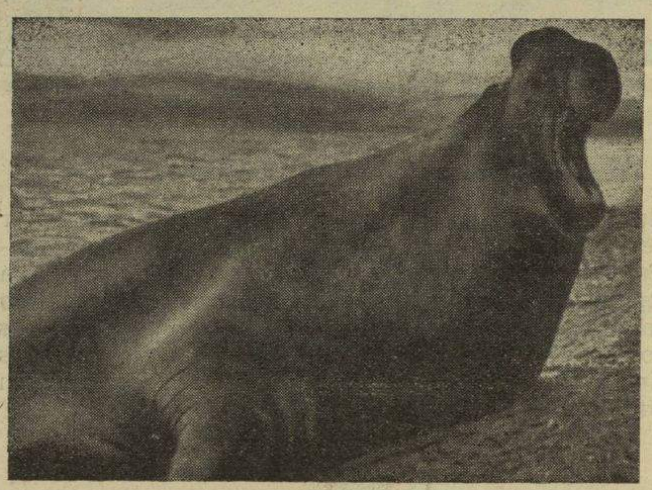
Pelos meados de Agosto vêem-se sair da crista das ondas enormes massas escuras e ondulantes, que alcançam as praias com grande pressa. São os machos, pujantes de força e cio, que chegam azafamados. Parecem seres desconformes, grotescos e ao mesmo tempo monstruosos, com a cabeça encimada por um curioso apêndice nasal susceptível de inchar, aparentando então uma pequena tromba de proboscídeo.

Um mês depois vêm para terra as primeiras fêmeas, bojudas de prenhez, parindo os «bebés» 4 a 6 dias após a sua chegada. O nascimento da jovem *foca* deve-se muito ao seu próprio esforço, pois é por meio de ondulações do corpo que se desembaraça das membranas placentárias que a envolvem.

É nesta altura que se avizinham os Petreis gigantes, Gaivotas e Skuas, poisando ao lado do recém-nascido. Imediatamente, em



Não parece que a expressão desta jovem elefante tem algo de humano ?



Este macho velho é um «Sultão», alardeando a seu senhorio por meio de estridentes urros

Com um número tão elevado de «senhoras» inevitàvelmente tem de haver barulho e quem diz barulho diz briga.

Os terríveis combates que se travam à borda-de-água, à vista das «consortes», entre os machos ciosos do seu serralho, são encontros violentos, cheios de ferocidade. Se os seus rugidos com ressonâncias profundas não bastam para afugentar os rivais, o conflito é certo. De trombas inchadas e goelas abertas, pois o fito é morder o pescoço do adversário com os caninos inferiores, os animais furiosos atiram-se um contra o outro, esforçados e destemidos. E o sangue corre em profusão das carnes rasgadas, misturando-se com a água, enquanto os seus bramidos raivosos, em uníssono com os gritos de inquietude das fêmeas, enchem o ar de um alarido indescritível. O derrotado, enfraquecido e sangrando, foge atemorizado para o mar, enquanto o vencedor larga aos quatro ventos os berros altissonantes da alegria do seu triunfo.

(Conclui na 7.ª página)

ligeiro saltitar e breves adejos, começam a engulir gulosamente aquele montão sanguinolento de materiais fetais, aquelas carnes quentes ainda fumegantes, agora inúteis. E é tão grande a sua febre de ingestão que as aves só ganham de novo o céu, depois de cortarem e comerem o cordão umbilical, que ligam mãe e filho.

São ainda estas aves marinhas que, como empregadas de um município, se encarregam da limpeza naquelas gigantescas maternidades, devorando os «bebés», que acidentalmente morrem esmagados pelo peso bruto dos grandes machos, quando das suas pugnas.

Quando os «pequenos» nascem têm, mais ou menos, 80 centímetros por uma vintena quilos, alcançando a maturidade aos três anos. Contudo, só aos 5 ou 7 é que estão na força da idade, em plena posse dos seus recursos físicos.

A sociedade destes mamíferos é uma comunidade poligâmica, reunindo cada macho, à sua volta, uma média de 55 fêmeas, casos havendo, e não são raros, em que o «harém» conta com uma centena de concubinas.



Este grande macho, dormindo na praia, ostenta, bem claramente, as inúmeras «cicatrizes de amor», que lhe dão jus ao domínio de um «harém»

A VIDA DO ELEFANTE MARINHO

(Conclusão da 6.ª página)

Raramente estes violentos duelos são de morte e daí encontrarem-se marcas indeléveis das suas pelejas, quer nos pescoços dilacerados, cheios de cicatrizes, ora num olho vazado, ou, mesmo, na tromba fendida em duas, o que atesta bem a felonia de antigas refregas.

Assentes os direitos sobre a senhoria do «harém», por pleito de força e ardor, nem agora os machos descansam. É preciso vigiar aquele magote de irrequietas «odaliscas» de peles brilhantes, de atender aos seus angustiosos grunhidos, de satisfazer o seu furor genésico, de perseguir as fêmeas mais renitentes ao seu domínio e, para tanto, não sossega, não come, não bebe, não dorme, quase não vive. Quando finda a penosa tarefa da procriação, em que é ao mesmo tempo paxá e eunuco, sultão e escravo, as suas reservas de gordura estão esgotadas da autofagia e o seu peso diminui cerca de uma tonelada.



Parece estar triste este triunvirato de fêmeas. Amor, saudade, ou simples sonolência?

Pouco a pouco, acabados os ruidosos cerimoniais, a que os filhos, junto das mães, assistem impassíveis, volta a calma. Terminou a feroz época do cio.

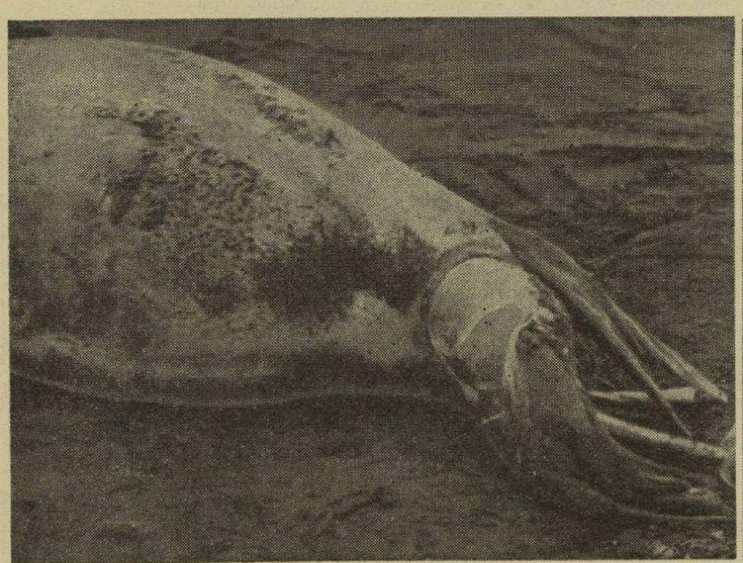
Uma semana depois da cópula, machos e fêmeas, despedem-se da terra e da descendência, partindo para o mar.

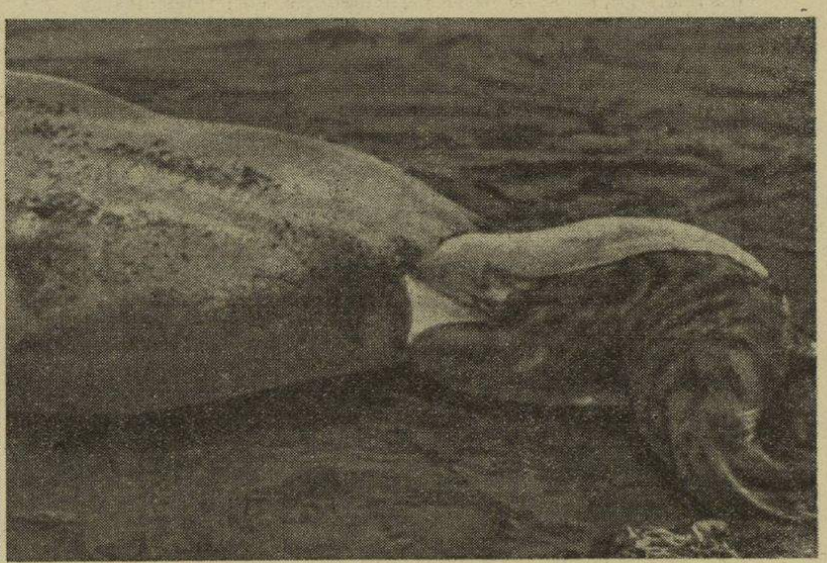
Ficam só os filhotes, de olhos quedos, sombrios, soltando lúgubres lamentos e balanceando tristemente a cabeça. Treinam diàriamente na aprendizagem da vida, fazendo frequentes excursões aquáticas, em experiência das suas aptidões, para voltarem a terra em seguida.

Ainda fervilha, na areia, um agitado formigueiro, mas já se não ouvem os estrondeantes urros das contendas.

E os dias passam nessa «meninice» feliz, até que, acabado o tirocínio, por volta de Maio, abalam definitivamente para o largo.

Agora, nas ilhas, tudo é silêncio.





Duas fases do nascimento do «bebé» elefante marinho, ainda envolto na sua membrana fatal

Transcrito do número de Dezembro do «Jornal do Pescador» que, também, gentilmente nos dispensou as gravuras.

SOCIEDADE ROMEIRENSE DE FARINHAS EM RAMA, L.DA

Telef. 8 — ROMEIRA (SANTARÉM)

FARINHAS DE TRIGO, MILHO E CENTEIO

JOÃO MAIA

ARMAZÉM DE CEREAIS

CEREAIS • SÊMEA • FARINHAS

Telef. 4 — SANTARÉM

O LIVRO DE PATRULHA

(Continuação do número anterior) — Por ANTERO NOBRE

O *Livro da Patrulha* terá uma capa dura e as suas folhas serão soltas e seguras àquela por um dispositivo qualquer; assim, com as folhas soltas, é bem mais fácil ir aumentando o número delas à medida que se for tornando necessário, sem modificar a ordem dos assuntos dentro do *Livro* e mantendo sempre o aspecto geral deste. Na capa desenhar-se-á (ou pintar-se-á, pirogravar-se-á, etc.) uma alegoria à Pátria e ao Escotismo, além da indicação da Associação, do Grupo e sua localidade e do nome da Patrulha a que o *Livro* pertence.

A primeira página do *Livro* deverá ser destinada a um desenho ou pintura tendo por tema o Escotismo, a Juventude Portuguesa e os seus Patronos (S. Jorge, Nun'Álvares Pereira e o Infante D. Henrique) e no verso desta página, também artisticamente enquadrado, escrever-se-á um dístico alusivo: um verso de Camões, a primeira estrofe do Hino Nacional, uma frase patriótica de autor célebre, etc. Na segunda página desenhar-se-á ou pintar-se-á uma alegoria ao Patrono da Patrulha e, no verso, meia dúzia de palavras artisticamente emolduradas, escrevem-se os traços mais característicos da biografia desse Patrono; se a Patrulha, em vez de ser designada pelo nome de um Patrono, o for pelo nome de um animal — o que não tem, para nós e em relação ao caso português, igual valor educativo —, isto é, se a Patrulha tiver um *Totem* — palavra e símbolo que nada poderão *dizer* aos nossos rapazes, tão longe andam de tudo o que constitui o verdadeiro *substractum* da sua alma portuguesa —, então, em vez da biografia do primeiro, escrever-se-á no verso da segunda página do *Livro* o resumo das características físicas e *morais* (poderá, acaso, dizer-se assim?) e dos usos e costumes do animal adoptado. Na terceira página do *Livro*, um quadro artístico mostrará a constituição da Patrulha, tendo inscritos os nomes dos seus componentes, a começar pelo do Guia, antecedidos pelos seus números dentro daquela; e no verso desta página, também artisticamente enquadrada, a *divisa* da Patrulha, constituída por um verso, frase célebre ou ditado popular conceituoso. Os nomes dos *aspirantes*, adidos à Patrulha para efeitos de instrução, jamais figurarão no *Livro;* aqueles não são ainda escoteiros e só a estes pode ser concedida tal honra. E até neste insignificante pormenor, o *Livro* pode ser utilizado como um dos bons meios pedagógicos do Escotismo, em harmonia com tudo o que nos ensina o *"Patrol System"*...

O resto do *Livro de Patrulha* pode dividir-se em várias partes: uma primeira parte destinada aos escoteiros; uma segunda, dedicada às reuniões da Patrulha; a terceira, para nela se inscreverem as classificações da Patrulha nos concursos, competições, etc.; a quarta, que se destinará ao inventário do material e respectivo movimento; a quinta, que será a da contabilidade; e finalmente a sexta será a dos relatórios, folhas de desenhos, fotografias, etc., referentes aos passeios, excursões ou acampamentos efectuados pela Patrulha ou em que ela comparticipe.

A primeira página da primeira parte deve conter, além do título respectivo — «Pessoal», «Escoteiros», etc. —, uma qualquer alegoria ao assunto que nela se trata: um escoteiro em uniforme empunhando a Bandeira Nacional ou do Grupo, uma Patrulha formada em linha ou em círculo, etc., etc., independentemente de quaisquer desenhos de ornato ou geométricos para esquadrinhar e alindar a página; no verso desta escrever-se-á un dístico alusivo ou, por exemplo — o que fica sempre aqui muito bem — a *Lei do Escoteiro* ou os artigos da *Promessa*, devidamente enquadrados por uma alegoria pintada ou simplesmente desenhada.

As páginas seguintes são destinadas aos escoteiros da Patrulha, uma ou mais de uma, conforme for necessário para cada escoteiro, e nelas se escreverá, também sobre cada um deles, pelo menos isto: o número do escoteiro no Grupo e na Patrulha; o nome completo, filiação (nomes do Pai e da Mãe), a naturalidade (terra onde nasceu e concelho e distrito a que a mesma pertence), a data do nascimento; a profissão se a tiver, e o lugar onde a exerce e em que circunstâncias ou condições; habilitações literárias e profissionais; escolas que frequenta ou frequentou e, num e noutro caso, seu aproveitamento, assiduidade e comportamento; seus meios económicos, com vistas especialmente a saber-se se pode ou não pagar as despesas com uniformes, passeios, excursões, acampamentos, etc.; se paga quotas ao Grupo e à Patrulha ou está dispensado de o fazer; sua residência, quer a habitual quer a que porventura ocupe acidentalmente durante as férias; com quem reside e, não sendo com os pais, quais os possíveis motivos do facto; constituição de sua família (número de irmãos e suas ocupações, etc.) e mais circunstâncias da sua vida familiar; se sofre de qualquer doença que careça de tratamento permanente ou periódico; se é bem comportado moralmente ou se carece de vigilância e neste caso quais os defeitos salientes, que é preciso corrigir; a sua conduta em casa, na escola, no emprego, na rua, no Grupo, com as informações fornecidas pelos pais, pelos professores, pelos patrões e colhidas pelo próprio Guia de Patrulha nas suas observações e indagações directas; conhecimentos, habilitações ou simples habilidade especiais que possui e jogos e desportos que por ventura pratica (ciclista, cavaleiro, nadador, músico, cantor, encadernador, pintor, jogador de voleibol, etc.); data da admissão no Escotismo e Grupo em que foi admitido (na hipótese de o ter sido em Grupo diferente daquele em que se encontra), data em que foi colocado na Patrulha; datas em que prestou as várias provas de classe e se ficou aprovado ou não; data em que prestou a sua Promessa Escotista; insígnias especiais de aptidão que possui e datas em que prestou as respectivas provas; louvores; prémios e condecorações, datas em que lhes foram concedidos, motivos porque o foram e entidade que os concedeu; castigos que tem sofrido, seus motivos e datas e entidades que os aplicaram; passeios, excursões e acampamentos em que tomou parte, registando-se, para os últimos, o número de dias e noites da sua duração. Finalmente, haverá ainda, para cada escoteiro, um quadro destinado ao registo das suas faltas e presenças às reuniões de instrução ou quaisquer outras efectuadas na Patrulhas e no Grupo e para que seja convocado ou a que deva comparecer em virtude dos programas de trabalho prèviamente estabelecidos.

(Continua)

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 10

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Estêvão conservou-se perfeitamente imóvel durante cerca dum quarto de hora, olhando de vez em quando para Gavril. Por fim, adquirindo a certeza de que este estava profundamente adormecido, pôs-se às voltas pela cabana, reunindo as coisas que eram precisas para a viagem dos rapazes e para a dele próprio. Pôs em cima da mesa pão, queijo, uma pequena chaleira e uma lata de chá, umas poucas de pedras de açúcar, um machado e um revólver. Dividiu os mantimentos em duas partes, uma para ele e outra para as crianças, exceptuando-se o chá e o açúcar, que foi todo para estas.

— Agora podem levantar-se — disse ele em voz baixa a Alfredo e a Eduardo, quando já tinha quase concluídos os seus preparativos. — Ponham os seus abafos, e o menino — acrescentou, dirigindo-se a Alfredo — vá aparelhar o garrano. — E, ao ver que o rapazinho lançava alhares receosos para Gavril, disse: — Não tenha medo desse homem que está aí a ressonar. Não acorda senão daqui a umas poucas de horas. Misturei-lhe no café uma porção de dormideiras, de propósito para que ele não pudesse impedir a nossa saída.

— Então porque não havemos de levar também o trenó e o cavalo? — preguntou Alfredo. — Não faríamos mais do que retomar o que Gavril nos roubou.

— Efectivamente tem razão — disse Estêvão.

— Estêvão — exclamou Alfredo, estreitando nas suas a trigueira e calosa mão do operário, — tens sido tão bom para nós que não podemos deixar de estimar-te, e o papá também há-de ficar gostando muito de ti quando lhe contarmos tudo. Serve-te do cavalo e do trenó para a tua jornada, e leva-os depois para a fábrica; e nós prometemos, em nome do nosso pai, que te será feita uma magnífica recepção, e que tudo será esquecido menos a tua dedicação por nós. Sharik pode perfeitamente comigo e com o meu irmão; e assim levamos daqui ao mesmo tempo os dois animais, de modo que o Cicatriz-Vermelha, se quiser ir em nossa perseguição, tem de o fazer a pé. Dize, Estêvão, não é tudo isto verdade?

Os olhos do homem tornaram-se húmidos. Levou a mão do rapaz aos lábios.

— Sim menino — respondeu ele, — tudo assim sucederá, se for da vontade de Deus.

Gavril ressonava com mais fúria do que nunca no momento em que o trenó começava a deslisar silenciosamente pela mata coberta de neve, seguido de perto por Sharik, que parecia não se sentir muito incomodado com a dupla carga que levava.

Enquanto não saíram da floresta, seguiram todos na mesma direcção, mas chegados ao extremo desta tinham que enveredar por caminhos diferentes.

— Vão por aqui, meus filhos — exclamou Estêvão, designando uma determinada direcção. — Adeus. Que Deus vos acompanhe.

Depois de proferir estas palavras ia a afastar-se, quando os dois rapazes lhe gritaram: — Um momento ainda.

Alfredo guiou o garrano para junto do trenó, que havia parado, e os dois rapazes lançaram os braços ao pescoço de Estêvão e beijaram-no.

— Não chores — disse Alfredo, no momento em que ele deu um grande soluço; — não tens motivo para isso. Havemos de nos encontrar outra vez, porque Deus é bom. Tem sempre presente na memória o modo como vais ser recebido por aqueles que te estimam.

O homem, porém, estava comovido de mais para falar. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, quando se pôs de novo a caminho, e enquanto os avistou não cessou de lhes dizer adeus com a mão.

— E agora, Sharik — exclamou Alfredo, — serás capaz de acertar com o caminho da nossa casa? Deixa-te estar quieto, Eduardo; vamos a ver se ele toma deliberadamente qualquer direcção.

E conservaram-se imóveis, depois de terem puxado as rédeas. Passados momentos, soltaram-nas, e ficaram esperando.

Sharik voltou a cabeça como que interrogativamente, e Alfredo pronunciou as seguintes palavras, a que deu muita ênfase: — Para casa, Sharik! Anda, meu velho, procura o caminho. *Nós* não sabemos qual é; pode ser que *tu* saibas.

(Continua)